

A Ordem Militar dos Cavaleiros Pobres do Templo de Salomão

Nenhuma Ordem tem mais belas cerimónias religiosas, deu mais esmolas, espalhou mais sangue pela defesa da fé cristã, que a Ordem do Templo.

Jacques de Molay, durante o seu julgamento

As Ordens religioso-militares aparecem, na Idade Média⁷⁰, como efeito paralelo ao empreendimento, organização e consecução das Cruzadas — religiosíssimo grito, qual «apelo de Deus», lançado pelo papa Urbano II, pregado, por toda a Europa, com verdadeiro e inaudito fanatismo — após o concílio de Clermont, para a conquista de Jerusalém e perpétua preservação da Terra Santa para o cristianismo, como já nos referimos. Tal se poderia equacionar *como a suprema ou hegemónica vontade, de fazer praticar, servir e exaltar a consciência, fé e religião cristãs*, que, segundo o postulado, poria em prática e observaria que *Deus existe e é cristão*.

Apesar das distâncias serem enormes e as barreiras marítimas e terrestres existirem como obstáculos naturais à grande invasão peregrina [que se fazia a um ritmo inaudito e sempre crescente], pesassem as contrariedades do terreno, das doenças, das gentes e das cimitarras, o que se tornava visível, era a inabalável fé ser imensa e a inconsciência também. O peregrino não olhava a nada. Parecia não se lembrar ou não querer pensar nesses factores de importância extrema. A sua meta e destino únicos era a terra santa de Jerusalém e da Palestina.

A Ordem Militar dos Cavaleiros Pobres do Templo de Salomão, como de princípio se denominou, ou, simplesmente, *Pobres Cavaleiros de Cristo*, porque não possuíam igreja ou habitação própria

⁷⁰ Achamos curioso relembrar, mais como espaço de memória e de informação, determinados anos em que anteriores invasões — as denominadas *bárbaras* — se nos deixaram inscritos em datas e posições estabelecidas e marcantes: em 411, as tribos ou sociedades, então vigentes, procederam à divisão dos territórios na Península Ibérica, ficando assim localizados: os *Vândalos Asdingos*, a norte do rio Minho; os *Suevos*, que haviam entrado por Trás-os-Montes, entre o Minho e o Douro; os *Alanos*, na Lusitânia e Cartaginense; os *Vândalos Selingos*, na Bética. Em 416 surgem os *Visigodos*.



o rei de Jerusalém [Balduíno II] alojou-os no seu palácio, perto do Templo do Senhor [Templum Domini] que confinava com a casa que a Ordem iria ocupar até à perda desta cidade⁷¹

foi uma ordem religioso-militar de monges-guerreiros [e freires-celebrantes], concebida e fundada em 1118, ou 1119,⁷² por Hugues de Payns, com mais outros oito cavaleiros⁷³, na cidade conquistada de Jerusalém — para, na prática, valerem na protecção aos peregrinos europeus que demandavam a Terra Santa — e que de S. João d’Acre e da ilha de Chipre se alargou a toda a Europa⁷⁴, até ser, em terras francesas, suprimida pelo papa Clemente V [1305-1314] e pelo rei Filipe IV, o belo [1285-1314], de França, em 1313, num *complot* perfeito, pérfido e superiormente organizado.

A 14 de Janeiro de 1128, no concílio de Troyes, o bispo de Albano⁷⁵, cardeal-legado do papa Honório II [1124-1130], aprova a instituição no que viria a constituir-se a Ordem do Templo, sob a regra de Cluny [mais tarde reformada na de Cister] estabelecida por São Bernardo, abade de Clairvaux, no Tratado/Regra **Liber ad Milites Templi, De Laude Novae Militiae**, escrito com toda a probabilidade entre 1126 e meses finais de 1127, como resposta a inúmeros pedidos feitos pelo próprio Hugues de Payns. Este tratado era constituído por cerca de trinta páginas e estava dividido em quatro capítulos: *Em Louvor da Nova Cavalaria; Sobre a Milícia Profana; Dos Soldados de Cristo; e Sobre o modo como os soldados de Cristo devem conduzir-se.*

Numa carta dirigida pouco antes da celebração daquele **Tratado ou Regra**, ao mesmo Hugues de Payns, *Soldado de Cristo e Mestre da Milícia de Cristo*, começava o abade Bernardo da seguinte forma:

Uma, duas, três vezes, se não estou enganado, caro Hugues, me pediste para escrever algumas palavras de estímulo para ti e teus companheiros da cavalaria, de modo que, em virtude do meu estado, embora não possa usar a lança contra a tirania de nossos inimigos, posso, pelo menos, fazer uso da minha pena (...)

A Ordem do Templo regrando-se e disciplinando-se através duma ideologia bem estabelecida e definida uniu dois dos mais importantes, senão os mais importantes, ideais da Idade Média: o monasticismo e a cavalaria. Assim, originalmente, para além de promoverem a abnegação, a pobreza, a simplicidade, o recolhimento e a pureza num confinamento de vida espiritual, muitos deles, vindos da melhor nobreza europeia, transformavam-se em resolutos e destemidos cavaleiros — para o qual tinham sido criados e instruídos —, prontos a sacrificarem-se pelo sagrado «apelo de Deus», gritado, pela voz do papa em toda a Cristandade, contra «a horda infiel». Nasceram os monges-guerreiros.

⁷¹ Michel Picar, ob. cit, p. 37.

⁷² Segundo Du Cange.

⁷³ Os outros foram: Geoffroy de Saint-Omer, André de Montbard, Gundomar [ou Gondomar], Godofroy, Roral, Geoffrey Bisol, Payen de Montdésir e Archambaud de Saint-Aignan.

⁷⁴ No continente europeu chegou a possuir seis mil casas, várias frotas e enormes riquezas.

⁷⁵ O cardeal Mathieu.



Este tratado de S. Bernardo — por si escrito ou ditado — imprimiu o selo da Igreja no monasticismo militante das Ordens, constituindo, desta forma, *uma justificação subtil e cuidadosamente argumentada do conceito de monge-guerreiro*.⁷⁶

*Naquele momento, a influência de Bernardo dentro da Igreja estava atingindo o seu ponto culminante. Sob o seu comando, a antes enfraquecida Ordem de Cister passara de sete abadias, em 1118 — um ano antes da fundação dos Templários — para trezentas e vinte e oito abadias até 1152. Esse aumento trouxe-lhe um imenso poder, que é difícil entender nos dias de hoje. Não só contestou as reflexões filosóficas e o racionalismo de Pedro Abelardo, como criticou o que considerou os excessos estéticos do abade Suger,⁷⁷ de Saint Denis, em Paris, tendo o poder suficiente para repreender publicamente bispos, arcebispos e reis (Luís VI e Luís VII, de França), sem medo de represálias, sendo convocado para servir de árbitro em eleições episcopais impugnadas. No seu tratado De consideratione, especificou os deveres do papa, e, de um modo geral, actuou como “a consciência do alto clero”. O que Bernardo atacasse estava fadado ao fracasso; o que ele aprovasse, florescia. Desse modo, o seu apoio aos Cavaleiros Templários era praticamente uma garantia do sucesso da Ordem.*⁷⁸

Sobre os acontecimentos que deram origem ao concílio de Troyes, um dos dois primeiros historiadores⁷⁹ da Ordem [Guilherme de Tiro] escreve:

*Nove anos após a fundação dessa ordem, os cavaleiros ainda estavam em trajes civis. Usavam as roupas que as pessoas, para a salvação das suas almas, lhes davam. Durante esse nono ano, foi realizado um concílio em Troyes, na França. Nele estiveram presentes os arcebispos de Reims e Sens, com seus sufragâneos; o bispo de Albano, núncio do papa; os abades de Citeaux, Clairvaux, Potigny; e muitos outros. Nesse concílio, por ordem do papa Honório [III] e de Estevão, patriarca de Jerusalém, foi criada uma regra e foi-lhes atribuído um hábito branco.*⁸⁰

⁷⁶ Edward Burman, **Templários, os cavaleiros de Deus**, p. 41.

⁷⁷ Foi o fundador do estilo conhecido como o gótico.

⁷⁸ Edward Burman, *ob. cit.*, pp. 30-31.

⁷⁹ Um outro cronista foi o bispo de Acre, Jacques de Vitry [1160/70-1240].

Jacques de Vitry foi arcebispo* de S. João de Acre. Viveu no tempo da expedição cruzada a Damietta em 1216, portanto, praticamente um século depois da fundação da Ordem e dos acontecimentos que ele começa por descrever na sua **Historia orientalis**, muitos dos quais são uma ampla recolha retirada da obra do arcebispo e historiador Guilherme de Tiro, já que este esteve presente na altura em que os primeiros templários surgiram na Terra Santa. Enquanto que a este último os templários não era do seu inteiro agrado — muito possivelmente por deles ter recebido desagrvos e contrariedades —, já o arcebispo Jacques de Vitry** faz uma outra leitura da Milícia do Templo, não só porque lhe foi próximo e observador atento, mas porque muito da história que veio depois a escrever lhe foi contada, em primeira mão, pelos próprios templários, especialmente pelos mais velhos: nos acontecimentos por que tinham passado e vivido, ou nos muitos outros que tinham passado de voz em voz e que eram bem mais antigos, chegando mesmo aos inícios da Ordem em Jerusalém. Foi nesta altura, que a sua narrativa histórica se afasta do que lhe foi dado *beber* em Guilherme de Tiro e começa a escrever o que a sua própria investigação reteve, nos factos recolhidos e relatados entre e por esses monges-guerreiros.

* Marion Melville diz que ele foi não arcebispo mas cardeal de Acre. [**La Vie des Templiers**, p. 24.]

** Historiador das Cruzadas. Arcebispo ou Cardeal-bispo de Acre, mais tarde de Tusculum [Frascati]. Nasceu em Vitry-sur-Seine, próximo de Paris, provavelmente entre 1160 ou 1170 e morreu em Roma, em 1240, quando estava indigitado para patriarca de Jerusalém.

⁸⁰ Guilherme de Tiro, **History**, Vol. I, p. 525. O arcebispo Guilherme de Tiro teria vivido, segundo uns,



De Março de 1139, é a bula *Omne datum optimum*, do papa Inocêncio II, quando é Mestre Robert de Craon [1136-1149],⁸¹ sucessor de Hugues de Payns [1118-1136], que consegue que se outorguem grandes privilégios à Ordem, tais como isenção de dízima e direito a construir igrejas e de nomear os seus próprios capelães, privilégios estes que iriam provocar grande conflito com a cúria da igreja tradicional. Mas o papa era o Sumo Pontífice; e como suserano, soberano. Próximo dele, impunha-se a figura incontestada, respeitada e temida de Bernardo de Clairvaux.

Foi sob o comando de Robert de Craon que a Ordem do Templo alcançou a sua estrutura hierárquica e organização internacional, obtendo, do mesmo papa, a autonomia que lhe permitiu agir com independência em relação às autoridades eclesiásticas e seculares, em cuja jurisdição actuavam.⁸² O mesmo seria dizer que ficavam subordinados apenas, e de todo, ao poder papal, nas suas ordens e obrigações.



entre 1127 e 1190 e segundo outros, entre 1130 e 1185.

⁸¹ Robertus Burgúndio, ou Roberto, o borgonhês, era originário de uma poderosa família da cidade de Craon [Anjou/Borgonha].

⁸² Edward Burman, ob. cit., p. 44.

